

HISTÓRIA CULTURAL, FONTES E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO MATEMÁTICA: apontamentos de uma experiência de pesquisa¹

Eliene Barbosa Lima²

RESUMO

Este texto tem como objetivos problematizar aspectos relativos às fontes para a escrita de uma história cultural da educação matemática, bem como apresentar documentos que foram localizados a partir da elaboração, desenvolvimento e finalização de um projeto de pós-doutoramento³. Para tanto, amparamo-nos nas transformações do papel das fontes a partir de uma história das mentalidades, as quais passaram a ser analisadas e não apenas descritas por meio da elaboração de questionamentos do historiador. Sob essa nova ordem, consideramos que foi instaurado um processo de democratização da acessibilidade das fontes localizadas por um determinado historiador que, em número cada vez maior, vem buscando mecanismos/espços para disponibilizar o seu acesso e a sua disseminação a outros pesquisadores. Assim, foi comungando desse olhar, que construímos esse texto, isto é, com uma listagem de fontes que podem possibilitar o desenvolvimento de novas pesquisas a partir de novas interrogações e interpretações.

Palavras-Chave: História Cultural. Fontes. História da Educação Matemática. Pesquisa de Pós-doutoramento.

ABSTRACT

This text aims to discuss aspects related to the sources for the writing of a cultural history of mathematical education, as well as to present documents that were located from the elaboration, development and finalization of a postdoctoral project. To this end, we rely on the transformations of the role of sources from a history of mentalities, which began to be analyzed and not only described through the elaboration of questions of the historian. In this new order, we consider that a process of democratization of the accessibility of the sources located by a certain historian has been set up, which, in increasing numbers, has been searching for mechanisms / spaces to make their access and dissemination available to other researchers. Thus, it was by sharing this look that we constructed this text, that is, with a list of sources that can enable the development of new research based on new questions and interpretations.

Keywords: Cultural history. Sources. History of Mathematical Education. Postdoctoral Research.

¹ Este estudo foi realizado no âmbito do projeto “Tecendo o processo histórico de profissionalização docente, no âmbito da matemática, nos seus diferentes níveis de formação na Bahia”, fomentado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e coordenado por Eliene Barbosa Lima. O trabalho também se beneficiou de trocas acadêmicas com os pesquisadores do GHEMAT-SP, no âmbito do desenvolvimento do projeto temático FAPESP intitulado “A matemática na formação de professores e no ensino: processos e dinâmicas de produção de um saber profissional, 1890-1990”, coordenado pelo Prof. Dr. Wagner Rodrigues Valente.

² Professora Adjunta do Departamento de Ciências Exatas da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). E-mail: elienebarbosalima@gmail.com

³ A pesquisa foi realizada entre os meses de agosto de 2018 a agosto de 2019, no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação e Saúde na Infância e na Adolescência, do Departamento de Educação da Universidade Federal de São Paulo, *Campus* Guarulhos, sob a supervisão do Prof. Dr. Wagner Rodrigues Valente.

CONTEXTO INICIAL

Este texto tem como objetivos problematizar aspectos relativos às fontes para a escrita de uma história cultural da educação matemática, bem como apresentar fontes que foram localizadas a partir da elaboração, desenvolvimento e finalização de um projeto de pós-doutoramento.

Nesse projeto, nos propusemos investigar historicamente a trajetória do ensino do cálculo diferencial e integral na formação do licenciado em matemática da Universidade Federal da Bahia, vislumbrando uma compreensão de seu lugar nessa formação, no período de 1943 – primeiro ano letivo em que se deu o funcionamento da cadeira de análise matemática na Faculdade de Filosofia da Bahia (FF), que englobava o ensino do cálculo diferencial e integral – a 1978, o último ano em que prevaleceu o programa de cálculo diferencial e integral, constituído mediante uma reformulação curricular do curso de matemática após a reforma universitária de 1968. Esse objetivo foi fomentado pela seguinte inquietação: A trajetória desse ensino constituiu-se como uma formação geral matemática e/ou como um saber profissional indispensável à docência da matemática no curso secundário?

Claro, tanto o objetivo, bem como o recorte espaciotemporal e o questionamento, aqui apresentados, contrariamente ao que o leitor poderá imaginar, não foram assim definidos originalmente no projeto submetido para o pós-doutoramento. Esses elementos foram sendo (re)construídos, com idas e vindas, paulatinamente, ao longo do desenvolvimento da pesquisa, por meio de uma rotina diária de discussões teórico-metodológicas, no âmbito de um grupo de pesquisa, notadamente, o Grupo de Pesquisa em História da Educação Matemática (Ghemat), que vem, nos últimos anos, tomando, numa perspectiva histórica, o saber profissional da docência em matemática no centro de suas investigações.

De modo geral, os grupos de pesquisas se traduzem em um espaço de interlocuções profícuas para as produções e diálogos de uma comunidade científica, que compartilha seus olhares individualizados em torno de um interesse comum. Tal interesse liga-se amplamente a contribuir para um dado campo científico, perpassando por uma demarcação e legitimação de certo fazer científico, até a busca por reconhecimento entre seus pares. Mais, são nesses ambientes que se tornam possíveis trocas de concepções e de

teorizações divergentes e manifestações de incertezas sem maiores preocupações com a exposição das dúvidas de cada pesquisador.

Não foi diferente no processo de desenvolvimento de nossa pesquisa de pós-doutoramento, assim, dita numa pluralidade, pois foi construída em um universo coletivo, ainda que tenha, por certo, as minhas escolhas e cujo estilo de escrita preserve ou evidencie a minha individualidade no sentido atribuído por Norbert Elias, em seu conceito de *habitus* social. Nele, esse sociólogo alemão diz que “[...] cada pessoa singular, por mais diferente que seja de todas as demais, tem uma composição específica que compartilha com os outros membros de sua sociedade” (Elias, 1994, p.150).

Conforme é possível notar pelo objetivo mencionado para o pós-doutoramento, tratou-se de uma pesquisa histórica, a qual seguiu os rituais de um certo fazer histórico, isto é, de uma história cultural, que começou a prevalecer a partir da década de 1980⁴, tendo uma pluralidade de abordagens, entre elas, as pesquisas já clássicas de Carlo Ginzburg (1987) sobre cultura popular e circularidade, de Roger Chartier (1988), com foco nos conceitos de representação e apropriação e de Edward Thompson (1987), que voltou o seu olhar para os movimentos sociais e as classes populares na Inglaterra do século XVIII.

Nessa historiografia, para além do interesse pelas culturas ditas eruditas, há um especial apreço pelas massas anônimas, pelo popular, pela informalidade, pelos conflitos sociais e suas peculiaridades, pelo lugar que o indivíduo ocupava em uma dada sociedade, enfim, há uma valorização não apenas do que é comum, mas também das tramas e dos personagens que fogem das regularidades em dado tempo histórico, sem preocupações com construções de modelos generalistas que tudo explicavam. (Vainfas, 1997a). Em suma, na ótica de Chartier (1988, p. 16-17): “A história cultural, tal como a entendemos, tem por principal objecto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler.”.

Portanto, é em uma história cultural que ganha importância temas como o da nossa pesquisa de pós-doutoramento, a qual analisa atividades matemáticas, produzidas por personagens locais, que tiveram impactos em uma cultura matemático-científica e escolar de um determinado tempo e espaço, buscando, quando possível nesse recorte, “[...]sinais e relações da totalidade social [...]” (Vainfas, 1997b, p. 447). Assim, essas pesquisas ao

⁴ Começou-se a instaurar certo ceticismo em relação à uma história das mentalidades, que insistia, conforme Ginzburg (1988, p. 16, grifo do autor), “[...]nos elementos comuns, homogêneos, da mentalidade de um certo período, somos inevitavelmente induzidos a negligenciar as divergências e os contrastes entre as mentalidades das várias classes, dos vários grupos sociais, mergulhando tudo numa “mentalidade coletiva” indiferenciada e interclassista.

construir novas peças, novas engrenagens, podem trazer novas luzes/perspectivas para uma historiografia da matemática, em particular, uma historiografia da educação matemática.

Contudo, ainda que seja possível caracterizar, sob esses parâmetros, a relevância dessas pesquisas, quer seja pela ótica pessoal, quer seja pela originalidade ou, ainda, pelo viés social, sob a escrita de um projeto bem estruturado contendo um problema bem definido e delimitado, a pesquisa histórica só se torna viável mediante localização e acesso às fontes. São elas que tornam o trabalho do historiador passível de ser realizado, em particular, o daqueles que tomam a matemática e o seu ensino como objetos de pesquisas apropriando-se dos debates teóricos, metodológicos e epistemológicos do campo da história, de onde ‘bebem’ uma história das ciências e uma história da educação. Nas palavras de Barros (2016, p.63): “A fonte histórica é aquilo que coloca o historiador diretamente em contato com o seu problema. Ela é precisamente o material através do qual o historiador examina ou analisa uma sociedade humana no tempo”. Esse autor ainda explicou que:

Há algum tempo atrás, chamavam-se as fontes de época das quais os historiadores se utilizavam de ‘fontes primárias’ ou de ‘fontes de primeira mão’. Hoje se assinala a tendência a utilizar simplesmente a denominação ‘fonte’ para a documentação histórica de todos os tipos. Também é ocasionalmente empregada a expressão ‘documento histórico’, que hoje em dia é praticamente um sinônimo de ‘fonte histórica’ – embora os historiadores estejam preferindo utilizar cada vez mais no lugar de ‘documento’ a expressão ‘fonte’ que, além de ser uma expressão mais abrangente, é menos associável às práticas historiográficas do passado (‘documento tomado exclusivamente como uma espécie de ‘prova’ ou ‘testemunho do que aconteceu’, à maneira positivista).

(Barros, 2016, p. 64).

Vale à pena, ainda, salientar, que não houve apenas uma transformação do entendimento do que sejam fontes, mas também uma ampliação dos seus tipos de registros – não seriam mais somente aqueles documentos escritos de cunho político, diplomático e militar produzidos por instituições oficiais – que o historiador poderia lidar para dar conta de seu objeto de pesquisa. Para além das fontes orais, imagens iconográficas e objetos da cultura material, dentre outros, Barros (2004) argumentou que:

[...] hoje qualquer texto pode ser constituído pelo historiador como fonte: o diário de uma jovem desconhecida, uma obra da alta literatura ou da literatura de cordel, as atas de reunião de um clube, as notícias de jornal, as propagandas de uma revista, as letras de música, ou até mesmo uma

simples receita de bolo. Não há mais limites para os tipos de textos que podem servir como materiais para o historiador.

(Barros, 2004, p. 134).

Contudo, se não há narrativa histórica sem fontes, elas por si só, a partir de uma historiografia das mentalidades, não dizem nada, muito pelo contrário, são vistas como suspeitas, tendenciosas, frutos de escolhas daqueles que as produziram. Dessa forma, o historiador precisa interrogar às fontes, elaborar questionamentos que não são neutros ou desprovidos de intencionalidades, na medida em que são conduzidos por um problema de pesquisa (Vieira; Peixoto; Khoury, 2002; Barros, 2004). Isto porque, de acordo com Cardoso (1986, p. 47) “[...] tais perguntas não decorrem das próprias fontes, não nascem delas, e sim da cultura histórica do pesquisador, da sua base teórica, de mil conhecimentos externos àquele documento com que estiver trabalhando no momento”.

Esse entendimento sobre as fontes vem repercutindo, muito fortemente, na própria forma como o historiador lida com a posse desses registros. Antes, sob a ideia de ser possível apenas uma única historiografia, imutável, inflexível e dogmática, ocultava-se a existência das fontes sob o discurso de que as elas se traduziam como uma espécie de testemunho/prova do que aconteceu no passado, cabendo ao historiador apenas descrevê-las (Barros, 2016, p. 64).

Contrariamente a essa tradição, a quebra da hegemonia de um único e grande modelo de fazer história, deu lugar a uma multiplicidade de historiografias, construídas a depender da problemática que se pretende dar conta, inclusive, na matemática e no seu ensino, sem necessariamente uma falsear a outra. Não havendo, nesse caso, baseando-nos em Vainfas (1997) uma suposta superioridade epistemológica de uma abordagem sobre a outra, mas “[...] *diferentes escalas ou pontos de observações.*” (Vainfas, 1997, p. 448). Sob esse prisma, há um processo de democratização da acessibilidade de fontes localizadas por um determinado historiador, que, em número cada vez maior, vem buscando mecanismos/espços para disponibilizar o seu acesso e a sua disseminação a outros pesquisadores⁵. Assim, foi comungando desse olhar, que construímos esse texto, isto é,

⁵ Um exemplo nesse sentido é o Repositório de Conteúdo Digital (RCD) – <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/1769>> – pertencente a Universidade Federal de Santa Catarina, que aloca as fontes digitalizadas localizadas pelo Ghemat. Nas *recomendações para digitalização de documentos arquivísticos permanentes* (Brasil, 2010, p.4) “A digitalização de acervos é uma das ferramentas essenciais ao acesso e à difusão dos acervos arquivísticos, além de contribuir para a sua preservação, uma vez que restringe o manuseio aos originais, constituindo-se como instrumento capaz de dar acesso simultâneo local ou remoto aos seus representantes digitais como os documentos textuais, cartográficos e iconográficos em suportes convencionais, objeto desta recomendação.”. No entanto, ressalva que essas ações não excluem àquelas que são voltadas para uma “[...]conservação convencional dos acervos custodiados por instituições arquivísticas, por serem inalienáveis e imprescritíveis, conforme preconiza o artigo 10º da Lei Federal nº 8.159/1991.” (Brasil, 2010, p. 4). Outro exemplo é a publicação do catálogo de

com uma listagem de fontes que podem possibilitar o desenvolvimento de novas pesquisas a partir de novas interrogações e interpretações.

FONTES PARA UMA MULTIPLICIDADE DE PESQUISAS

Como bem disse Durval (2007, p. 154) “Nada nos chega do passado que não seja convocado por uma estratégia, armado por uma tática, visando atender alguma demanda de nosso próprio tempo”. Assim caminhamos quando iniciamos o desenvolvimento de nossa pesquisa. Traçamos estratégias/táticas e vislumbramos sobre onde e quais fontes poderiam nos ajudar a dar conta de nosso problema de pesquisa. Fomos conduzidos por alguns elementos eleitos por nós como importantes a partir de nossa identidade de pesquisadora construída em um Programa de Pós-Graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências, que tinha um olhar muito particular para o sociocultural. Então, era primordial, buscando uma articulação do micro com o macrosocial-cultural brasileiro, produzir uma narrativa histórica que dialogasse com outras atividades matemáticas, constituídas formalmente em outros contextos brasileiros.

Dessa forma, guiando-nos por uma questão pragmática e sob fortes indícios de uma proximidade acadêmica de nosso objeto com São Paulo, mais precisamente, com a Universidade de São Paulo (USP) e sua Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL), focamos a nossa atenção também nos arquivos dessa instituição, onde, por certo, os documentos foram selecionados não aleatoriamente. Entre outros elementos, contribuiu o fato de o Instituto de Matemática e Física em seus primeiros dez anos foi dirigido por Rubens Lintz (1960-1962) e por Omar Catunda (1963-1968). O primeiro, graduou-se em engenharia elétrica (1953) e fez estudos de pós-graduação na Escola de Engenharia de São Carlos, da USP. O segundo, tornou-se catedrático da cadeira de análise matemática da subseção das ciências matemáticas da FFCL em 1944⁶, após realização de concurso, permanecendo com este vínculo até 1962. Quando se aposentou por essa instituição, foi residir na Bahia, em 1963, assumindo imediatamente a chefia do Departamento de

fontes documentais sobre a escola primária na Bahia e a Escola Normal da capital baiana e suas escolas anexas (1854-2006), fruto de um projeto de pesquisa realizado pelo Grupo de Pesquisa em Educação e Currículo (Monteiro; Santana; Nascimento; Anjos, 2018).

⁶ Na USP, Omar Catunda começou a sua carreira universitária como assistente de Luigi Fantappiè na cadeira de análise matemática, durante o período de 1934 a 1939, quando a assumiu interinamente, após o retorno de Fantappiè à Itália por circunstâncias provocadas pela eclosão da II Guerra Mundial. (Lima, 2016).

Matemática do IMF e, logo depois, em setembro de 1963, também a sua direção. (Lintz, 1959, 1996, 2014; Dias, 2008; Calábria, 2010; Lima, 2016).

Para construir todas essas táticas/estratégias foram primordiais leituras prévias de pesquisas que de algum modo intersectavam com o nosso tema. Por elas, anotamos nomes de alguns arquivos que poderiam ter acervos basilares para o desenvolvimento de nossa pesquisa, conforme certo ritual de um fazer histórico de uma história cultural.

A seguir, apresentamos os locais e as respectivas fontes – estritamente registros escritos –, analisadas no âmbito de um quadro teórico-metodológico, parametrizadas por uma problemática proposta, específica, portanto, não passível de construções argumentativas generalizantes, que tudo explicam, independentes das escolhas do historiador e do próprio tempo histórico. Vale salientar que tais fontes – divergindo de uma realidade ainda bastante recorrente no Brasil em relação a má conservação – elas estão em locais apropriados para a sua preservação, aclimatizadas e sob responsabilidade de profissionais dedicados e capacitados para tanto⁷.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA (UFBA)

1. Arquivo da Biblioteca Isaías Alves da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas

O curso de matemática, no período de 1942 a 1967, esteve integralmente sob a responsabilidade da antiga FF, quando houve a transferência de alguns de seus encargos, notadamente das disciplinas com conteúdos específicos da matemática, para o então Instituto de Matemática e Física (IMF) a partir do ano letivo de 1968. Isto se deu por meio de convênio que foi firmado por Omar Catunda (diretor do IMF) e Luiz de Moura Bastos (Chefe do departamento de matemática da FF) a apenas alguns dias depois da promulgação do decreto nº 62.241, de 8 de fevereiro de 1968, que estruturava a UFBA (Brasil, 1968a), porém antes, até aquele momento, da efetivação da reforma universitária, promulgada pela lei nº 5.540, de 28 de novembro de 1968 (Brasil, 1968b).

⁷ Nesse sentido, agradecemos, em especial, a Dilzaná Oliveira Santos, responsável pelo setor de arquivo da Biblioteca Isaías Alves da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA e, ainda, Maria Aparecida Araújo Ferreira e Maria Luiza Emi Nagai, ambas, do Centro de Apoio à Pesquisa em História “Sérgio Buarque de Holanda” (CAPH) da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP.

FONTES	ANOS
1. Regimento interno da FF	1942
2. Diário de classe – curso de matemática, Análise Matemática, 1ª série	1943-1945; 1947-1960; 1962
3. Diário de classe, curso de matemática, Análise Matemática, 2ª série	1943-1966
4. Programa de Análise Matemática para 1ª e 2ª séries	1943-1967
5. Diário de classe – curso de matemática, Geometria Analítica e Projetiva, 1ª série	1943-1945; 1947, 1948, 1955, 1956
6. Programa de Geometria Analítica e Projetiva, curso de matemática, 1ª série	1943-1945; 1947, 1948, 1955, 1956
7. Diário de classe – curso de matemática, Geometria Descritiva e Complemento de Geometria, 2ª série	1944-1947
8. Programa de Geometria Descritiva e Complemento de Geometria, curso de matemática, 2ª série	1944-1947
9. Diário de classe, curso de didática, Didática Especial de Matemática, 4ª série	1946-1953
10. Programa de Didática Especial de Matemática, curso de didática, 4ª série	1946-1967
11. Diário de classe, curso de didática, Especialização – Análise Matemática, 4ª série	1948
12. Diário de classe, curso de matemática, Introdução à Álgebra Moderna, 1ª série	1950-1953; 1955-1958; 1961-1962
13. Programa de Introdução à Álgebra Moderna, curso de matemática, 1ª série	1950-1953; 1955-1958; 1961-1962
14. Diário de classe, curso de didática, Especialização de Matemática, 4ª série	1951
15. Diário de classe, curso de didática, Análise Superior, 4ª série	1951
16. Caderneta para registro da aula prática do aluno, curso de didática, 4ª série	1951
17. Diário de classe, curso de didática, Análise Matemática, 4ª série	1952-1953
18. Diário de classe, curso de didática, geometria algébrica, 4ª série	1952-1953,
19. Diário de classe, curso de matemática e de pedagogia, Didática Especial de Matemática, 4ª série	1954
20. Diário de classe, curso de matemática, Teoria das Funções, 3ª série	1955-1958
21. Diário de classe, curso de matemática, Análise Superior, 3ª série	1955-1958; 1960
22. Programa de Teoria das Funções, curso de matemática, 3ª série	1955-1958
23. Programa de Análise Superior, curso de matemática, 3ª série	1955-1958
24. Diário de classe, curso de matemática, Teoria das Funções (Funções Analíticas); Álgebra Moderna, 4ª série	1956-1958
25. Programa de Teoria das Funções (Funções Analíticas), curso de matemática, 4ª série	1956-1958
26. Programa de Álgebra Moderna, curso de matemática, 4ª série	1956-1958
27. Diário de classe, curso de matemática, geometria algébrica, 4ª série	1954; 1956- 1957
28. Diário de classe, curso de matemática, Análise Matemática, 4ª série	1954-1964
29. Diário de classe, curso de matemática, Didática Especial de Matemática, 4ª série	1955-1964
30. Diário de classe, curso de matemática, Geometria Superior, 3ª série	1958
31. Programa de Geometria Superior, curso de matemática, 3ª série	1958
32. Curso de didática, instruções para os anos de 1949 a 1958	1949-1958
33. Diário de classe, curso de matemática e física, Análise Matemática (Cálculo Infinitesimal), 1ª série	1961
34. Diário de classe, curso de matemática, Complementos de Geometria, 2ª série	1961

35. Programa de Complementos de Geometria, curso de matemática, 2ª série	1961
36. Diário de classe, curso de matemática, Topologia, 3ª série	1962
37. Diário de classe, curso de matemática, Análise Matemática (Cálculo Diferencial e Integral), 1ª série	1963-1967
38. Diário de classe, curso de matemática, Análise Matemática (Equações Diferenciais de Derivadas Parciais), 3ª série	1965-1967
39. Diário de classe, curso de matemática, Análise Matemática (Cálculo Diferencial e Integral e Equação Diferencial), 2ª série	1966- 1967
40. Diário de classe, curso de matemática, Didática Especial e Prática de Ensino, 4ª série	1966-1968
41. Diário de classe, curso de física, Didática Especial e Prática de Ensino, 4ª série	1966
42. Programa de Didática Especial de Física, curso de física, 4ª série	1966
43. Atas das inscrições para os exames de segunda época para as disciplinas das segundas séries dos vários cursos da FF.	31 de julho de 1967
44. Diário de classe, curso de matemática, Fundamentos de Matemática Elementar, 4ª série	1968
45. Programa de Fundamentos de Matemática Elementar, curso de matemática, 4ª série	1968

2. Arquivo do Instituto de Matemática

A Universidade Federal da Bahia, mediante decreto nº 62.241 de 8 de fevereiro de 1968, passou a ser constituída por 24 unidades universitárias, entre elas, o Instituto de Matemática, desmembrado do Instituto de Física e compreendido como uma unidade de ensino e de pesquisa básicos (Brasil, 1966).

FONTES	ANOS
1. Programa da disciplina de Cálculo I	1972
2. Programa da disciplina Cálculo I	1973-1978
3. Programa da disciplina Cálculo II	1973-1978

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

1. Arquivo do Centro de Apoio à Pesquisa em História “Sérgio Buarque de Holanda” (CAPH) da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH)

Nesse Centro⁸, criado em 1966, encontram-se os acervos relativos à FFLCH e da USP, bem como as teses e dissertações defendidas nessa faculdade desde 1938, em particular, os documentos da subsecção de ciências matemáticas vinculada à antiga FFCL até o ano de 1970, quando o curso de matemática foi transferido para o Instituto de

⁸ Mais informações, ver: <<http://caph.fflch.usp.br/>>.

Matemática e Estatística, em decorrência da implantação da reforma universitária de 1968 na USP.

FONTES	ANOS
1. Anuário – discurso de abertura dos cursos da Faculdade; a criação da FFCL; programas; curriculum Vitae do corpo docente; alunos inscritos	1934-1935
2. Anuário – ‘Sobre o ensino da geometria’ (Giacomo Albanese); sobre o Jornal de Matemática; sessão solene para outorga de diplomas a primeira turma de licenciados da FFCL	1936
3. Anuário – relação dos professores da FFCL; programa de extensão universitária; as publicações da FFCL; Biblioteca da subsecção de ciências matemáticas; as atividades do departamento de matemática (cursos regulares, seminário matemático, Revista “Jornal de Matemática Pura e Aplicada”; criação da FFCL e sua organização; conferências públicas (Luigi Fantappiè); programa da subsecção de ciências matemáticas; relação dos alunos licenciados; relação dos alunos matriculados.	1937-1938
4. Anuário – organização da FFCL, secções e cursos; reforma de 1946 (decreto federal n. 9.092); corpo docente; aula inaugural do professor André Dreyfus em 1938 (O valor da Faculdade de Filosofia e a Ciência Pura); aula inaugural do professor Omar Catunda em 1945 (A posição da matemática na cultura geral); relação dos diplomados; movimento escolar; concursos para a cátedra em 1944 (Cadeira de Análise Matemática – candidato Omar Catunda); concursos para livre-docência; doutoramentos (Cândido Lima da Silva Dias e Benedito Castrucci); atividades das cadeiras (Cadeira de Administração Escolar e Educação Comparada, Cadeira de Didática Geral e Especial, Cadeira de Filosofia, Cadeira de Psicologia, Cadeira de Psicologia Educacional); atividades do departamento de matemática; publicações; alunos matriculados na subsecção de ciências matemáticas; intercâmbio cultural (Fundação Rockefeller)	1939-1949
5. Anuário – secção de ciências (curso de matemática); corpo docente; conselho técnico-administrativo e congregação (o problema da prática de ensino); doutoramentos (Elza Furtado Gomide e Edison Farah); atividades (Cadeira de Didática Geral e Especial e Cadeira de Psicologia Educacional); atividades do departamento de matemática; professores visitantes; congressos científicos (II Reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência); auxílio da Fundação Rockefeller; alunos matriculados no curso de matemática	1950
6. Anuário – secção de ciências (curso de matemática); corpo docente; relação dos diplomados no curso de matemática e no curso de pedagogia; conselho técnico-administrativo e congregação (normas para o professor estrangeiro e para o intercâmbio cultural); concursos (Geometria Analítica, Projetiva e Descritiva; Complementos de Geometria e Geometria Superior; Crítica dos Princípios e Complementos de Matemática); doutoramentos (Jacy Monteiro); atividades da Cadeira de Didática Geral e Especial e da Cadeira de Psicologia Educacional; atividades do departamento de matemática; alunos matriculados no curso de matemática e no curso de pedagogia	1951
7. Anuário – secção de ciências (curso de matemática); corpo docente; conselho técnico-administrativo e congregação (regimento de doutoramento); atividades da Cadeira de Didática Geral e Especial e da Cadeira de Psicologia Educacional; atividades do departamento de matemática; congressos científicos (IV Reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência); alunos matriculados no curso de matemática e no curso de pedagogia	1952
8. Guia – constituição da FFCL (cursos de matemática, de pedagogia, de didática; coleções da Biblioteca do curso de matemática; regime escolar; concursos de habilitação (curso de matemática); normas para doutoramento; programas do curso de matemática (Cadeira de Análise Matemática) e do curso de pedagogia (Cadeira de Psicologia Educacional; Cadeira de Administração e Educação Comparada) e do curso de didática (Cadeira de Administração Escolar e Cadeira de Didática Geral e Especial)	1943
9. Guia – cadeiras do curso de matemática; normas para doutoramento; corpo docente e regulamento para a constituição do corpo docente; atividades do departamento de matemática	1948

10. Guias – corpo administrativo, cadeiras e corpo docente; finalidades da FFCL; estruturação geral do ensino; seriação do curso de matemática; normas para doutoramento e para livre-docência	1951, 1953-1954
11. Guia – administração e organização; cargos e funções docentes; relação dos docentes do departamento de matemática; currículo do curso de matemática e do curso de pedagogia; condições para o ingresso na FFCL; certificados, diplomas e títulos; concurso para livre-docente; legislação que interessava a FFCL	1965
12. Guia – composição do departamento de matemática; o Instituto de Pesquisas Matemáticas da Universidade de São Paulo; Sociedade de Matemática de São Paulo; projeto de reforma do curso de graduação em matemática	1966
13. Programa do ano escolar de 1952 – corpo docente, concursos (catedrático, livre-docente e doutoramento); lista dos licenciados e bacharéis	1952
14. Programa de 1935 – distribuição do curso de matemática; Programas do 1º, 2º e 3º anos do curso de matemática	1935
15. Programas aprovados pela congregação – cursos de matemática, de pedagogia e de didática	1953-1954; 1959-1960, 1962, 1964-1968

2. Arquivo do Instituto de Matemática e Estatística

O Instituto de Matemática e Estatística foi inaugurado em 15 de janeiro de 1970, como uma das unidades universitárias da USP. Tais unidades foram estabelecidas em seu estatuto, aprovado pelo decreto nº 52.326, de 16 de dezembro de 1969, em um movimento de alinhamento com a lei da reforma universitária de 1968 (São Paulo, 1969).

FONTES	ANOS
1. Cursos de graduação – departamentos de matemática, matemática aplicada e estatística –, corpo docente, disciplinas e programas	1971, 1973

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Numa breve síntese, para além de uma apresentação das fontes localizada a partir da elaboração e desenvolvimento de uma pesquisa de pós-doutoramento, esperamos que os elementos aqui discutidos, ainda que não muito detalhados, possam contribuir para a árdua tarefa do historiador, que assim como nós, não tem formação inicial em história, mas que lida com a matemática e o seu ensino como objetos de pesquisas históricas. Em suma, para o historiador que constantemente busca uma apropriação de um estilo e modos de fazer uma historiografia do campo da história, notadamente, de uma história cultural, almejando libertar-se das amarras de uma história da matemática, em particular, da educação

matemática, internalista, totalizante, aprisionada no próprio conhecimento matemático. Enfim, para o historiador que direciona a sua atenção que vai de encontro a uma busca incessante de uma neutralidade e objetividade dos textos matemáticos, por meio de um olhar exclusivo e unilateral para os seus teoremas e teorias.

Anote-se que o rol de documentos inventariados foi constituído pelo interesse na discussão do papel do cálculo diferencial e integral para a formação docente. Tornaram-se fontes para a nossa pesquisa. As interrogações a tais fontes permitiram chegarmos a conclusões relativamente às dinâmicas e processos que envolviam a trajetória de uma disciplina que sofreu alterações a partir de quem a professa, do *locus* onde estava sendo ministrada e, certamente, do contexto sociocultural que envolveu a docência. Os resultados dessa pesquisa mostraram o quão interligados estavam esses aspectos na constituição do saber profissional do professor que ensinava cálculo diferencial e integral com vistas a formar o licenciado em matemática. Mas, esse é um outro capítulo da mesma pesquisa, a ser publicado, esperamos, em futuro próximo.

REFERÊNCIAS

Albuquerque Júnior, D. M. (2007). Um leque que respira: Michel Foucault e a questão do objeto em história. In: Albuquerque Júnior, D. M. *História: a arte de inventar o passado-ensaios de teoria da História*. (pp. 149-164). Bauru, SP: EDUSC.

Barros, J. D'A. (2004). *O campo da história: especialidades e abordagens*. Petrópolis: Vozes.

Barros, J. D'A. (2016). *O projeto de pesquisa em história: da escolha do tema ao quadro teórico*. 10a ed. Reimpressão, Petrópolis, RJ: Vozes.

Calábria, A. R. (2010). *Primeiro Colóquio Brasileiro de Matemática: identificação de um registro e pequenas biografias de seus participantes*. Dissertação de mestrado não publicada, Curso de Pós-Graduação em Educação Matemática, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, SP.

Dias, A. L. M. (2010, outubro/dezembro). O Instituto de Matemática e Física da Universidade da Bahia: atividades matemáticas (1960-1968). *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, 15(4), 1049-1075.

Cardoso, C. F. S. (1986). *Uma introdução à História*. 5a ed. São Paulo: Brasiliense.

Chartier, R. (1988). *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel.

Decreto-Lei nº 53 (1966, 15 de novembro). Fixa princípios e normas de organização para as universidades federais e dá outras providências. Recuperado a partir de <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Decreto-Lei/1965-1988/Del0053.htm>.

Decreto-Lei nº 62.241 (1968a, 8 de fevereiro). Reestrutura a Universidade Federal da Bahia e dá outras providências. Recuperado a partir de em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1960-1969/decreto-62241-8-fevereiro-1968-403521-publicacaooriginal-1-pe.html>>.

Decreto-Lei Decreto nº 5.540 (1968b, 28 de fevereiro). *Fixa normas de organização e funcionamento do ensino superior e sua articulação com a escola média, e dá outras providências*. Recuperado a partir de <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-5540-28-novembro-1968-359201-publicacaooriginal-1-pl.html>>. Acesso em: 23 fev. 2019.

Elias, N. (1994). Mudanças na balança nós-eu. In M. Schröter (Org.), V. Ribeiro (Trad.), *A Sociedade dos Indivíduos*. (pp. 127-193). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Ginzburg, C. (1987). *O Queijo e os Vermes*. São Paulo: Companhia das Letras.

Ginzburg, C. (1988). Pós-Escrito de 1972. In C. Ginzburg, J. Batista Neto (Trad.), *Andarilhos do bem: feitiçaria e cultos agrários nos séculos XVI e XVII*. (pp. 15-16). São Paulo: Companhia das Letras.

Lima, E. B. (2016, maio/agosto). Omar Catunda: venturas e desventuras de um passador cultural. *Revista Diálogo Educacional*, 16(48), 445-465.

Lintz, R. G. (1959). *Uma nova idéia sobre a dimensão dos espaços topológicos*. Tese de doutorado não publicada, Curso de Pós-Graduação em Engenharia, Universidade de São Paulo, São Carlos, 1959.

Lintz, R. G. (1996, julho). Depoimento. *Cadernos do IFUFBA*, 8(1-2), 61-62.

Lintz, R. G. (2014, dezembro). Entrevista: Rubens Gouvêa Lintz. Entrevista concedida a Luis Gustavo Seleguin dos Santos. *Revista Contemplação*. Recuperado a partir de <<http://fajopa.com/contemplacao/index.php/contemplacao/article/view/62/66>>.

Monteiro, C. P. S.; Santana, E. C.; Nascimento, L. J.; Anjos, T. M. (2018). Modos de fazer na escola primária: presença e influência da Escola Normal e de suas escolas anexas. Salvador: Edufba.

Resolução nº 31 (2010, 28 de abril). Conselho Nacional de Arquivo. Recuperado a partir de <http://conarq.arquivonacional.gov.br/images/publicacoes_textos/Recomendacoes_digitalizacao_completa.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2019.

Thompson, E. P. (1987). *A formação da classe operária inglesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Vainfas, R. (1997a). História das mentalidades e história cultural. In C.F. Cardoso & R.Vainfas (Orgs.). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. (pp.127-162). Rio de Janeiro: Campus.

Vainfas, R. (1997b). Caminhos e descaminhos da história. In C.F. Cardoso & R. Vainfas (Orgs.). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. (pp. 441-449). Rio de Janeiro: Campus.

Vieira, M. P. A.; Peixoto, M. R. C. & Khoury, Y. A. (2002). *A pesquisa em história*. 4a ed. São Paulo: Ática.